

O indiscreto travesseiro do presidente

A pesar de toda a pompa, do poder e do charme que revestem a Presidência da República, eu, sinceramente, não gostaria de estar na pele do seu atual ocupante. Creio que o próprio FHC, no seu íntimo, também não. Quando se recosta em seu leito – na angustiante solidão que só os palácios sabem provocar –, talvez até sinta inveja de seu antecessor, que, de

tão “independente”, até mesmo com a realidade e o bom senso evitou comprometer-se.

Fernando Henrique, escravo de sua biografia, tem de padecer os flagelos que lhe impõem o raciocínio, a responsabilidade, o comedimento, a coerência... Como são debilitantes tais condicionamentos!

Voltemos ao seu hipotético diálogo com o travesseiro:

“Fui o ‘príncipe dos sociólogos’, incensado em todos os meios acadêmicos do planeta. Mas eu sabia que podia mais.

Elegi-me senador da República e, nessa função, angariei prestígio raramente igualado. Mas, para mim, ainda era pouco.

Realizei o meu sonho de ser chanceler e me dei razoavelmente bem no cargo. Sentia, porém, que faltava algo.

Fui nomeado ministro da Fazenda. Um sucesso! Elaborei o único plano econômico eficaz



“Estou vivendo num verdadeiro inferno. Todo mundo põe a culpa pela crise em mim”

para eliminar a inflação e, só por causa dele, já tinha meu lugar garantido na História. Mas pressenti que ainda deveria ir mais longe.

Pois não é que fui eleito presidente da República já no primeiro turno?!

No exercício do posto, executei um programa de reformas estruturais jamais ousado no Brasil. Encerraria o meu mandato com uma popularidade e um prestígio inéditos. Sairia coberto de glórias, como um dos melhores presidentes que a Nação já teve...”

“Mas, então, por que é que V. Exa. emendou a Constituição e se candidatou novamen-

te?”, interrompeu, curioso, o travesseiro.

“Pois aí é que está o problema. Não sei... O fato é que estou agora vivendo num verdadeiro inferno. O próprio Krugman (economista de renome internacional) admite que a crise que o Brasil está passando não é culpa do governo, e sim das circunstâncias internacionais. E, apesar disso, todo mundo põe a culpa em mim. Minha popularidade está despencando e não sei mais o que fazer para recuperar a minha credibilidade. Estou ficando desesperado.

“É lastimável... V. Exa. me perdoe a curiosidade, mas, como eu trabalho no período noturno, costume distrair-me à tarde no cinema. O senhor, por acaso, já assistiu ao *Advogado do Diabo*?”

(Mesmo achando um tanto absurdo trocar idéias com um objeto inanimado, o presiden-

te, intrigado, decidiu prosseguir a conversa.)

“Não tive oportunidade de ver ainda. Por quê?”

“É uma pena, presidente. No final do filme há um diálogo magnífico entre o Al Pacino – que faz o papel do demônio encarnado – e um jovem advogado que ele promoveu até a glória e depois levou à desgraça...”

“É o que isso tem que ver comigo?”

“Tudo, Excelência. O advogado pergunta ao diabo o porquê de tudo aquilo. E o capeta responde: ‘Eu não tenho poderes para levar ao inferno as almas que tenham cometido pecados involuntariamente, uma vez que Deus concedeu ao homem o direito ao livre arbítrio. Tenho, portanto, de tentá-las e fazê-las espontaneamente ceder à tentação.’”

“Muito interessante... E daí?”

“Daí que o demônio conclui afirmando: ‘Eu descobri, através dos milênios, que a única tentação irresistível ao homem é a vaidade.’ Não teria sido esse o seu pecado?”

“Vaidoso, eu? Ora, não seja ridículo!”

Já era de manhã. FHC interrompeu bruscamente o diálogo, vestiu-se e saiu para mais uma sexta-feira de trabalho: reunião com governadores inadimplentes, manifestações da CUT, editoriais histéricos, dólar subindo, ibope descendo: enfim, um dia como outro qualquer...

